



ENTRE O TECNICISMO E O HUMANISMO: O ENSINO DE HISTÓRIA.

Filipe Silas do Nascimento Carvalho¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo, discutir o atual rumo do ensino de história na perspectiva neoliberal do século XXI. Ela tem procurado instrumentalizar os professores em formação e os já atuantes, na reflexão sobre o conhecimento histórico que é transmitido para os seus alunos. Essa visão neoliberal também tem influenciado na discussão de uma metodologia de ensino. Este artigo é fruto de leituras feitas acerca do ensino de história, bem como de sua metodologia do ensino. O nosso propósito é atrelar a pesquisa de história à sala de aula. Para nós essa questão: *“trata de ensinar e aprender história, de saber como escrevê-la a fim de que seus destinatários aprendam alguma coisa para a vida”* (RÜSEN 2007, p 88), uma vez que no mundo pós-moderno a preocupação com a inserção no mercado de trabalho capitalista vem adentrando as escolas. Isso nos faz refletir sobre os atuais rumos do ensino de história como transmissão de cultura dos povos. Hoje, a formação humanista vem sendo substituída por uma educação histórica de informação.

Palavras-chave: História, Educação, Cultura.

ABSTRACT

This work has for objective to discuss the current toward the teaching of history in neoliberal approach of the 21st Century to exploit the teachers in training and the already active in the history of reflection on the historical knowledge that is transmitted to their students as well as, help for the discussion of a teaching methodology. This article is the result of readings made about the teaching of history and methodology of teaching in a context of how to research the history of the classroom, it is to teach and learn history, to know how write it in order to enable their recipients learn something for life (RÜSEN 2007, p. 88) Since the post-modern world the concern for inclusion in the labor market in a optics capitalist * has penetrated the schools, which makes us reflect on the current directions of the education of history as transmission of culture of the peoples and thoughts about the future of man on earth to the passing of the years, that is, a humanist education that have been discredited by a historical education information.

Key Words: History, Education and Culture.

A HISTÓRIA QUE TEMOS E A HISTÓRIA QUE QUEREMOS.

A percepção do conjunto de movimentos que estão sendo executados no mundo exige, por parte dos nossos jovens, uma cultura que vá além da técnica. Portanto, História neles! Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky (2010, p21).

Enquanto educadores, a nossa primeira preocupação ao planejar a aula é o *objetivo* da mesma, qual o objetivo da aula que preparamos? Qual a pretensão em ensinar o aluno acerca

¹ Graduando em História pela UPE - Universidade de Pernambuco- Campus Mata Norte, filipesilas@yahoo.com.br



desse conteúdo? Cada vez mais a educação voltada para o mercado de trabalho, tecnicista e objetiva vem ganhando espaço para o ensino da arte, cultura, literatura, e demais áreas das humanidades que tem como eixo, a problematização do homem enquanto indivíduo participante e operante no meio social. Nesse ínterim, recorro que certa vez durante a aula de didática a professora contou a uma turma de licenciandos uma história que para mim fez muito sentido.

Dizia sobre uma pessoa que havia dormido e simplesmente acordara cinquenta anos mais tarde, obviamente tratava-se de uma parábola para elucidar nossa turma sobre o assunto do dia. Está pessoa ao acordar tomou um susto com o mundo e as mudanças que haviam ocorrido: os carros eram diferentes, o verde e as estradas deram lugar ao concreto e asfalto, o barulho na cidade aumentara consideravelmente e nada parecia ser como antes, foi então que ao correr pela cidade procurando um lugar que lhe fosse familiar entrou numa escola e ficou parada na sala de aula.

A que ponto a escola, o ensino, a história vêm se modernizando e acompanhando as mudanças sociais que a rodeiam, quais os rumos dessa modernização? Nesse artigo pretendo discutir acerca dos atuais rumos do ensino de história.

Flávio Brayner, em sua obra *Escola e Republicanismo* discute em certo momento sobre as variáveis dos projetos pedagógicos no decorrer dos anos, e sua intervenção no meio social, durante as décadas de 70 e 80. Nesse momento, a educação esteve voltada para a politização, para a formação do indivíduo questionador, sempre atrelada à luta de classes deixando de discutir o ensino aprendizagem, as didáticas específicas à formação do professor: hoje o que se vê é justamente o inverso disso.

Cabe a nossa reflexão perceber quais os rumos do ensino dentro da conjuntura neoliberal, para tanto se faz necessário primeiramente compreender que o neoliberalismo aparece como uma saída “política, econômica, jurídica e cultural específica para a crise hegemônica que começa a atravessar a economia do mundo capitalista no fim os anos 60 e início dos anos 70” (CORSETTI, 2000, pg12). O modelo neoliberal reestrutura o capitalismo de forma global e afina um novo momento histórico baseado na acumulação de capital.

O pensamento neoliberal reserva à educação uma lógica de mercado. Quantas vezes não nos deparamos com anúncios de escolas técnicas e até universidades prometendo rápida inserção no mercado de trabalho? O ensino é uma mercadoria e, será tratado como tal em todos os sentidos, o que inclui o maior lucro possível através dele (isso pode significar

diretamente baixo salário para os docentes, uma vez que é mão-de-obra para os *burgueses da educação*).

Entendamos a expressão, *burgueses da educação* como os empresários da área “pedagógica” que tratam e reproduzem uma educação tecnicista falseada de uma educação humanista, visando o lucro através de um bem social que é o conhecimento.

Das escolas é exigido um funcionamento que tenha como referência a organização empresarial, que possibilite a competição entre elas e permita que elas atinjam uma posição privilegiada no mercado de serviços escolares, podendo, assim, atrair alunos/clientes, enviados por pais/consumidores. (CORSETTI, 2000, pg13).

As escolas/empresas têm de trabalhar com o máximo de qualidade, objetivando atingir toda a potencialidade do aluno nos exames que retratam externamente seu método de ensino. Essa visão neoliberal da educação é transmitida e copiada por escolas públicas, sem causar alarde na sociedade. Fazendo parte de um pensamento que vai além dos muros da escola, um pensamento neoliberal/capitalista que vai se alastrando e tornando incomum qualquer questionamento acerca da reformulação da educação escolar para os termos do mercado. *Nesse processo noções de justiça social e igualdade são gradualmente substituídas no espaço de discussão pública por noções de eficiência, qualidade e produtividade, pressupostos de uma propalada “modernidade”* (CORSETTI, 2000, pg14).

Cabe a reflexão: as atuais didáticas são reflexo de um acúmulo de pensamento neoliberal na sociedade acerca dos rumos do ensino ou, a práxis está afastando-se da teoria (inclusive pautada nos PCN`s), que diga-se de passagem abre diversas possibilidades de ensino) em dando lugar a uma conjuntura educacional neoliberal da sociedade contemporânea?

Faz-se necessário discutir os valores que são ensinados na escola hoje, particularmente no ensino de história, em que outrora os discentes aprendiam sobre a luta das classes e a evolução da arte, música, política entre outras abordagens, que forma o todo da sociedade como a conhecemos. Se o resgate a identidade e as preocupações com a memória permeavam os conceitos históricos ensinados aos alunos, hoje esses conceitos sofrem mudanças do modelo vigente:

O entendimento crítico de relações como justiça/injustiça, liberdade/opressão, igualdade/desigualdade não encontra mais lugar na discussão pública. Conceitos como cidadania, democracia, direitos e outros valores universais são redefinidos segundo os valores do mercado. Cidadão é o cliente que tem o direito de consumir, numa democracia de mercado. (CORSETTI, 2000, pg14).

Não defendo aqui o fim do ensino tecnicista, para a formação profissional do sujeito social. Deve ficar claro, que tal categoria de ensino se faz necessária na conjuntura atual da



nossa sociedade capitalista: trabalhadores da indústria, as engenharias e demais áreas do meio tecnológico têm a necessidade de formar em seu quadro sujeitos de formação específica para tocar atividades específicas.

Essa é uma discussão que perpassa o debate da geração de emprego, da formação de mão de obra para ocupação destas vagas específicas que são cobradas no mercado, e da necessidade de determinada região em assegurar que seus moradores ocupem essas vagas. Não estou entrando no mérito desse raciocínio, observo com os olhos de humanista a falta da inserção de tais pensamentos, métodos e práticas nos estudos humanos (que não envolvem apenas história, mas estendem-se à geografia, sociologia, filosofia entre outras) são de um prejuízo tremendo para o conhecimento de tais disciplinas, principalmente quando dão a linha de estudo que as mesmas devem seguir.

O projeto neoliberal se apropria da escola e é apropriado pela mesma, nesse ínterim seria viável discutir com os discentes acerca da conjuntura social que permeava a Rússia em meados da Revolução do século XIX enfatizando as conquistas sociais, qual seria o fruto para a educação neoliberal em gerar seminários sobre as conquistas dos movimentos sociais do campo contra seus opressores no nordeste brasileiro, por exemplo?

A memória que nossa a sociedade tanto lutou para permanecer viva parece ressignificada no espaço escolar devemos questionar sobre qual memória é apresentada pela escola atualmente e se estamos substituindo a formação, por informação histórica.

Ao passo que o pensamento capitalista avançou no mundo, percebemos um desencanto com projetos ideológicos que contemplem um comprometimento mais próximo de idéias socialistas como a diminuição das desigualdades e os valores humanistas (Cf. PINSKY e PINSKY, 2010). Atualmente a grande pergunta que os professores de história vêm enfrentando é: Para que estudar história? Até seria comum caso o ensino de história fosse algo novo nas escolas, no entanto, pelo menos no caso brasileiro o ensino de história está incluso no currículo das escolas desde a constituição do Estado Brasileiro no decreto das Escolas de Primeiras Letras, de 1827:

(...) a primeira lei sobre a instrução nacional do Império do Brasil, estabelecia que, os professores ensinariam a ler, a escrever, as quatro operações (...), a gramática da língua nacional, os princípios de moral cristã e de doutrina da religião católica apostólica e romana, proporcionadas à compreensão dos meninos; preferindo, para o ensino da leitura, a Constituição do Império e a História do Brasil. (PCN's, 1997, p 20)

O ensino de história esteve presente em nosso país desde a primeira metade do século XIX e ainda se pergunta o motivo de estudar história. Não pretendo aqui responder essa



pergunta, mas sim problematizar a mesma, acaso fomos nas últimas décadas tão bombardeados por um ideal neoliberal que nos afastou das ciências humanas de tal forma que nossas crianças já não se identificam em buscar suas identidade no devir histórico dos seus antepassados? Esteve a educação tão preocupada em formar para o mercado de trabalho que o ensino de cultura e história da arte foi reduzido a alguns boxes nos livros didáticos apenas? “O conteúdo a ser ensinado nas aulas de história e em algumas das disciplinas das ciências humanas é reflexo e transmissão de conhecimentos, das competências, crenças e hábitos” (Cf.FORQUIN, 1993). Estamos ficando mesmo desabituaados a discutir nas aulas, por exemplo, sobre a música proveniente de matriz africana e sua relação com o samba atual, ou ainda sobre a medicina tupi que mesmo não tendo acesso aos “modernos” métodos europeus foi suficiente para garantir um determinado nível de saúde entre os nativos brasileiros.

O desafio de ensinar história hoje, uma vez que estamos num contexto capitalista do século XXI, no qual as escolas parecem cada vez mais se preocupar com os exames de vestibulares em detrimento a uma educação humanista nos faz ressaltar que *os processos de aprendizado histórico não ocorrem apenas no ensino de história, mas nos mais diversos complexos contextos da vida concreta dos aprendizes, nos quais a consciência histórica desempenha um papel.* (RUSEN, 2007, p 91) Ora, uma vez que o ensino de história também se dá no cotidiano dos discentes e a eles serve de exemplo, precisa ser ensinado de forma mais humana possível. Infelizmente *num mundo onde a idéia de cultura tende a se tornar ao mesmo tempo pletórica e inconsistente, a função de transmissão cultural da escola seja cada vez mais difícil de identificar e, a fortiori, de ser assumida* (FORQUIN, 1993 p,10).

Atualmente o ensino vem sofrendo cada vez mais a pressão de uma sociedade consumista, que “não pode perder tempo” sempre se preocupando com o conteúdo que será cobrado nos exames escolares, quantas vezes já não se pediu ao professor que ensinasse só o que seria cobrado na prova? Até onde os exames escolares de certas instituições: em que a maioria das questões objetivas minimizam a reflexão discursiva dos alunos, são reflexo desse ensino pautado no objetivo tecnicista, uma *educação de informação*.

As rápidas mudanças sociais causadas pelos meios de informação midiáticos e consumistas vêm introduzindo o pensamento capitalista de tal forma entre os jovens que o assunto de hoje já nem é mais comentado amanhã. *Tudo rapidamente se transforma em passado não um passado saudosista. Ou como memória individual ou coletiva, mas, simplesmente um passado ultrapassado* (BITTENCOURT, 2003, p 14). Nessa perspectiva



cabe ao docente através das aulas evitar lacunas na memória das gerações que estão sendo formadas pelo mesmo.

As escolas e/ou professores do ensino médio estão cada vez mais preocupados com o ensino dos conteúdos de história, a partir do século XIX, como nos alerta Pinsky e Pinsky:

Não pouparíamos, contudo, muitos colegas que equivocadamente, em nome de um “ensino crítico”, acabam alienando seus próprios alunos a não lhes dar a oportunidade de adquirir uma visão mais abrangente da História. Assim, nada de processo civilizatório, nada de monoteísmo ético dos hebreus (base do cristianismo), nada de filósofos gregos (base do pensamento ocidental), nada de direito romano (base do nosso), nada de Europa Medieval, de Renascimento, de Mercantilismo e descobrimentos, nada de Bach e Mozart, de Dante e Camões. Parece que não conformamos, mesmo, em abrir mão do conhecimento e da formação em troca de míseras informações. E, mais grave, desistimos de, ao menos, nos aproximarmos do patrimônio cultural da humanidade. E qual é o papel do professor senão estabelecer uma articulação entre patrimônio cultural da humanidade e o universo cultural do aluno? (PINSKY e PANSKY, 2010, p 21). É interessante ressaltar que “até a década de 80 os livros didáticos costumavam reservar o último capítulo para tratar da “cultura”, eram vestimentas, artes, idéias em fim costumes interessantes, porém de importância menos para o conhecimento histórico” (Cf. NAPOLITANO, 2010).

Temos como responsabilidade resgatar o patrimônio cultural da humanidade durante as aulas de história, discutir as prováveis causas da ruína do Império Romano, as consequências da contra-reforma católica, perceber nos exemplos do holocausto e guerras no leste europeu da década de 1990 o quanto a barbárie humana pode ir longe mediante o silêncio e descaso dos que podem fazer algo para mudar. Devemos desenvolver em nossos alunos o pensamento crítico acerca dos acontecimentos históricos, fazer com que o alunado pense, por exemplo, qual o autor do maior ato terrorista que permeou o *11 de Setembro de 2001*, se a Al Qaeda ao atingir as torres gêmeas ou o governo Norte Americano, ao invadir os países do oriente médio numa “*Guerra contra o terror*”.

Estimular o pensamento crítico na história da humanidade é estimular as novas gerações a contestar o que lhes é imposto, é torná-los mais participantes nas mudanças sociais. *Ninguém pode ensinar verdadeiramente se não ensina alguma coisa que seja verdadeira ou válida a seus próprios olhos* (FORQUIN, 1993, p 12).

Faz-se necessário uma reflexão também acerca de um ensino de história voltado para a cultura e a memória dos povos. Podemos desenvolver um olhar crítico sobre a atual forma como se entende e apresentam as diversas manifestações culturais e a forma como as mesmas são passadas gerações à frente. Napolitano (2010, p 81) ao citar os Parâmetros Curriculares Nacionais analisa da seguinte forma:



Ao conhecimento e à valorização de características éticas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal (...). As culturas são produzidas pelos grupos sociais ao longo das suas histórias, na construção de suas formas de subsistência, na organização da vida social e política, nas suas relações com o meio e com outros grupos, na produção de conhecimentos etc. A diferença entre culturas é fruto da singularidade desses processos em cada grupo social.

Nesse eixo destacam-se temas específicos como “alteridade, memória, subcultura, tolerância, etnia, cultura de valores e gênero” (Cf. NAPOLITANO 2010).

A respeito do patrimônio cultural, podemos discutir com os alunos sobre os aspectos de valores simbólicos que nos foram “herdados” posto que “o objeto que no passado teve função prática ou instrumental com o passar do tempo torna-se documento material para conhecer o passado e ao nos identificarmos com o mesmo nos reconhecermos enquanto herdeiros de uma cultura” (Cf. NAPOLITANO 2010) no caso brasileiro não podemos deixar de tocar nas obras de Chico Buarque de Holanda, Vinicius de Moraes, Aleijadinho, Luiz Gonzaga e tantos outros artistas que gravaram suas marcas na história de nosso país suas marcas. *O patrimônio histórico material ou imaterial pode servir para conhecer o processo histórico que lhe deu origem ou pode servir para congelar o passado na forma de explicações prontas e acabada* (NAPOLITANO, 2010, p 85), bem como, auxiliar o indivíduo a se reconhecer como participantes do processo histórico.

Quando um jovem estudante se depara com um monumento que reflete o processo do Regime militar em toda sua opressão aos direitos constitucionais, ele pode auxiliado pelas aulas de história reconhecer a luta de um grupo social pela redemocratização de seu país, pela volta de direitos e garantias de seu povo, esse estudante pode identificar-se com essa herança ainda que ele não planeje participar das atuais lutas das organizações sociais, mas ele perceberá que houveram pessoas que levantaram bandeiras de luta por um bem comum, como verdadeiros agentes de transformação histórica e social.

Nessa perspectiva o ensino de história cumpre o papel de construir uma identidade. Bittencourt afirma que, atualmente enfrentamos a relação nacional/mundialização, dentro dos propósitos neoliberais como já ressaltamos anteriormente. Essa proposta se preocupa mais em identificar o indivíduo enquanto agente pertencente ao sistema capitalista globalizado, que invariavelmente divide a sociedade em classes, na qual para que um determinado grupo viva “bem” é necessário a existência de outro que vive em condições menos favoráveis, dentro desse ensino destaca Bittencourt (2003, p18):



É um absurdo, segundo muitos livros e aulas de História, o ouro das Minas Gerais ou de Cuiabá ter passado das mãos dos portugueses ineptos para as dos ingleses. Entretanto, como considerar normal que o ouro de Serra Pelada possa servir para enriquecer empresas privadas e grupos estrangeiros sem gerar nenhuma riqueza para a população brasileira?

Sendo assim fica a reflexão, qual história, qual identidade prioriza o professor hoje? E para que Brasil essa formação servirá? Penso que uma reflexão acerca dos atuais rumos do ensino de história se faz necessária entre os profissionais da educação para que possamos potencializar a disciplina e principalmente o conhecimento histórico dos alunos. Para tal um ensino pautado na identidade cultural se mostra como alternativa, para um país mais humanizado e comprometido com suas raízes, com sua história e principalmente com o seu futuro. Os parâmetros curriculares nacionais dão toda margem para trabalhar as aulas de história nesse sentido, e se por vezes o educador não conta com o aparato necessário para dinamizar sua aula, antes de culpar o aparelho público, ou o sistema vigente façamos uma reflexão de dentro para fora, para que dando o melhor de cada um subjetivamente falando olhemos para dentro de nós mesmos e repensemos o, porque, optamos pelo ensino enquanto profissão assim, o que fica de indicativo para os “*guerreiros da educação*” é: refletir os atuais rumos das aulas de história por eles ministradas.

REFERÊNCIAS

PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi Por uma História prazerosa e consequente In: KARNAL, Leandro (org), **História em Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas,** São Paulo, Contexto, 2010.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS: história, geografia/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

RÜSEN, Jörn. **História Viva: teoria da história, formas e funções do conhecimento histórico,** Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2007.

NAPOLITANO, Marcos, *Cultura* In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Novos temas nas aulas de história.** São Paulo: Contexto, 2010.

BITTENCOURT, Circe, *Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História* In: BITTENCOURT, Circe (org.) **O saber histórico em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2003.



CORSETTI, Berenice, *Neoliberalismo, Memória e Ensino de História* In: LENSKIJ e HELFER (org.) **Memória e Ensino de História**. Santa Cruz do Sul: ESDUNISC. 2000.

BRAYNER, Flávio, **Educação e Republicanismo: experimentos arenórtianos para uma educação melhor**. Brasília: Liber Livro Editora, 2008

